

CINDERELA SURDA: O USO DA LITERATURA NO CONTEXTO DO ENSINO REGULAR

Francyllayans Karla da Silva Fernandes (UFSCAR)

francyllayans@gmail.com

Jéssica Rabelo Nascimento (UFMS)

jessicarabelonascimento95@gmail.com

João Paulo Romero Miranda (UFMS)

paulo.miranda@ufms.br

Michele Vieira de Oliveira (UFSC)

mih.libras@gmail.com

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), teve seu reconhecimento enquanto língua a poucos anos com a Lei nº10.436/2002, sujeitos esses pertencentes a uma comunidade surda que compartilham experiências por meio da visualidade e entender que o surdo é um sujeito de percepção visual com uma cultura linguística própria, é fundamental para a inserção da Literatura Surda e/ou Literatura Visual no ambiente escolar, que é um direito conquistado com o Decreto nº 5.626/2005, visto que, é através do uso das produções literárias da própria comunidade que o surdo passará a se identificar com os seus pares e revelar características próprias do seu povo e individuais. Entretanto, os professores que constituem o nosso sistema educacional inclusivo, ainda não trabalham com o surdo na perspectiva bilíngue, sendo uma das demandas/luta da comunidade surda a anos (FENEIS, 1999), pois nessa perspectiva a sua língua está presente em todas as atividades do cotidiano desses sujeitos incluídos na educação. Realidade adversa é encontrada pois eles acabam deixando-os vivenciar e experenciar um contato frequente com uma língua que não os pertences e nem favorece em nada o seu processo de aprendizagem. Os surdos usam a língua portuguesa na modalidade escrita como L2 e a Libras sendo L1. Desta maneira, a aquisição da L1 tardia ou deficitária irá influenciar diretamente a sua produção cultural e identificação enquanto sujeito surdo. Assim, partindo desta perspectiva e com base em autores como Stumpf (2008), Strobel (2009), entre outros, utilizaremos a Literatura Surda adaptada da Cinderela para a promoção da habilidade do surdo, bem como percepção dos artefatos culturais presentes no texto, os quais corroboram com a aquisição cultural desses sujeitos.

Palavras-chave:

Ensino. Cinderela Surda. Literatura Surda.

ABSTRACT

The Brazilian Sign Language (Libras), had its recognition as a language for a few years with Law 10,436/2002, subjects belonging to a deaf community who share experiences through visibility and understand that the deaf is a subject of visual perception with its own linguistic culture, is fundamental for the insertion of Deaf Literature and/or Visual Literature in the school environment, which is a right achieved with Decree nº 5.626/2005, since it is through the use of the literary productions

of the community itself that the deaf will identify with their peers and reveal characteristics of their own people and individuals. However, teachers who constitute our inclusive educational system, still do not work with the deaf in the bilingual perspective, being one of the demands/struggles of the deaf community for years (FENEIS, 1999) because in this perspective their language is present in all activities of daily life of these subjects included in education. Reality adversa is found because they end up letting them experience and experience frequent contact with a language that does not belong and does not favor in any way their learning process. Deaf people use the Portuguese language in the written mode as L2 and Libras being L1. Thus, the acquisition of late or deficient L1 will directly influence its cultural production and identification while the deaf subject. Thus, starting from this perspective and based on authors such as Stumpf (2008), Strobel (2009), among others, we will use the Deaf Literature adapted from Cinderella to promote the ability of the deaf, as well as perception of cultural artifacts present in the text, which corroborate with the cultural acquisition of these subjects.

Keywords:

Teaching. Deaf Cinderella. Deaf literature.

1. Introdução

Analisar as conquistas do povo surdo dentro da sociedade, levando em consideração os marcos históricos é de suma importância, pois oportuniza a compreensão de, em que medida esse povo foi excluído socialmente, e em que proporção conseguiram crescer e ganhar espaço linguístico dentro da sociedade, por meio das leis que oficializaram sua língua em território nacional, e deram oportunidade para o surdo interagir, construir e interpretar o mundo através de sua própria língua (Libras).

Destacar essas conquistas dentro do ambiente escolar é ainda mais necessário, visto que, a escola ocupa um papel formativo na vida dos indivíduos. Assim, a escola precisa dar ênfase as produções culturais do povo surdo, uma vez que esses materiais revelam a língua própria da comunidade surda que, assim como as demais, produz uma cultura que pode ser escrita, sinalizada e propagada de modo a conseguir alcançar a sociedade como um todo. Sendo assim, as produções literárias podem ser consideradas como forma de difusão de uma cultura que até pouco tempo era tida como inexistente e desnecessária.

Entende-se assim que, a escola precisa oportunizar ao surdo o conhecimento das traduções, adaptações e interpretações das obras literárias em/para Libras, bem como dos materiais produzidos pela própria comunidade surda, que retrata as características desse povo dando a Literatura Surda um papel importante na inclusão desses indivíduos, pois, segundo Stumpf (2008, p. 24), “não se pode falar em inclusão se não são oferecidas

as condições necessárias.”

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo problematizar o uso da literatura surda no processo de alfabetização das crianças surdas, escolhendo como instrumento para análise a literatura da Cinderela Surda, para compreender quais elementos estão presentes nessa produção que podem favorecer a alfabetização e o letramento da pessoa surda, bem como relacionar a reflexão teórica através de uma proposta prática do uso da literatura com surdos do Ensino Fundamental I.

Assim, pretendemos contribuir de maneira significativa para o estudo da utilização da literatura surda e seus aspectos positivos, sendo esse trabalho um ponto inicial, baseado na teoria proposta pelas leis, pelos autores e pela comunidade surda, de modo a construir um novo olhar acerca do que vem sendo elaborado para o reconhecimento da cultura Surda, como um campo expressivo e colaborativo para a construção de uma aprendizagem significativa.

2. Breve histórico sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras)

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), teve seu reconhecimento com a Lei nº 10.436/2002 sendo a língua da comunidade surda Brasileira, seu meio de expressão e comunicação.

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002)

Dessa maneira o Sistema Federal de Ensino, seja em nível Estadual, Municipal e o Distrito Federal devem garantir a inclusão da disciplina de Libras nos cursos de Educação Especial, Fonologia e Magistério, sendo parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Cf. BRASIL, 2002).

Contudo, a Libras não pode substituir a modalidade escrita da língua portuguesa (Cf. BRASIL, 2002). Com o Decreto nº 5.626/2005, a Lei nº 10.436/2002 foi regulamentada trazendo diversas orientações sobre a comunidade surda, língua, cultura e educação. Decreto nº 5.626/2005, teve orientações sobre a formação de futuros professores de Libras.

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Desta forma os docentes que atuarão no ensino de Libras na Educação Infantil, devem realizar curso de Pedagogia com curso superior em Libras e Língua Portuguesa, viabilizando uma educação bilingue

Porém a educação bilingue não é realidade no Brasil a educação dos surdos faz parte da modalidade Educação Especial, ou seja, os surdos estão incluídos na educação regular junto com todos os alunos, o que pode acarretar fragilidades em seu processo de aprendizagem das línguas, Libras e língua portuguesa, pois a grande parte dos surdos acaba, ficando isolados linguisticamente (Cf. LACERDA, 2017).

Contudo, foi aprovado a Lei nº 14.191/2021 alterando a LBD/1996 implementando a modalidade de Educação Bilíngue de surdos, ou seja, a educação de surdos sai da Educação Especial e passa a ser uma modalidade que segue orientações próprias.

Art. 60-A. Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos. (BRASIL, 2021)

Dessa maneira, os alunos surdos da educação bilíngue podem integrar com seus pares linguísticos, possibilitando o input na idade certa (LIMA, 2007). Fortalecimento das práticas socioculturais dos surdos e da Libras, entre outros pontos:

I – proporcionar aos surdos a recuperação de suas memórias históricas, a reafirmação de suas identidades e especificidades e a valorização de sua língua e cultura; II – garantir aos surdos o acesso às informações e conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades surdas e não surdas. (BRASIL, 2021)

Ter a oportunidade de recuperar sua história e seus elementos culturais dentro do ambiente escolar utilizando sua Língua é resultado de uma luta histórica da comunidade surda. Isto favorece a propagação da Libras e favorece o conhecimento e o contato dos ouvintes com tudo que é produzido pelo surdo.

3. *Desenvolvimento*

A palavra cultura tem muitos significados, mas quando estabelecemos relação entre a cultura e as pessoas surdas, entendemos que a cultura está ligada às vivências linguísticas e as experiências visuais dos surdos, o que influencia inclusive na forma dos surdos aprenderem. Assim, ao longo dos tempos os surdos foram formando sua cultura própria em forma de sinalização. A cultura e a identidade linguística do surdo são diferentes da comunidade ouvinte, visto que o canal utilizado para entender e se relacionar com o mundo é diferente.

Mesmo que de maneira diferente, a pessoa surda tem capacidade de aprender igual a uma pessoa ouvinte, não há limitação, pois, a surdez não atrapalha no aprendizado, desde que sejam dadas as condições para que o processo de ensino e aprendizagem seja efetivado (Cf. GESSER, 2009).

Assim, a cultura surda é definida como:

O jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas. [...] Isso significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. (STROBEL, 2009, p. 27)

Quando falamos em cultura surda pensamos que a cultura é apenas o que o surdo aprende na sua comunidade, seus costumes, suas crenças, porém vai muito além disto, visto que a cultura surda e a identidade surda estão intrinsicamente ligadas, pois todo o desenvolvimento cognitivo do aluno surdo está ligado à sua necessidade de compreender tudo que está a sua volta, por meio do “contato com outro e com suas diferenças”, objetivando a construção desse conhecimento de mundo que é tão importante.

Para compreender com profundidade a identidade do surdo e a comunidade surda, é importante lembrar do processo de lutas que antecederam todas essas conquistas, desde o respeito ao uso da Libras nos mais variados espaços sociais até o reconhecimento da pessoa surda enquanto indivíduo que age socialmente e possui todas as condições cognitivas para participar efetivamente do processo de ensino e aprendizagem.

Através do avanço nos estudos da Língua de Sinais e da utilização das novas tecnologias, os surdos estão conseguindo dar visibilidade e durabilidade as suas produções por meio de registros em vídeos e na modalidade escrita, tanto no sistema *signwriting*, quanto em língua portuguesa, perpetuando seus artefatos históricos e suas produções culturais e literárias.

Segundo Strobel (2009) os artefatos culturais, não são apenas produções materiais de uma cultura, mas consistem nas produções palpáveis e não palpáveis que expressam sua forma de ver, entender e transformar o mundo o qual ele se apropria para seu desenvolvimento cognitivo, cultural e de sua identidade. Portanto, essas produções culturais, denominadas de artefatos culturais são: experiência visual, linguístico, familiar, literatura surda, artes visuais, vida social e esportiva, político e materiais. Um dos artefatos culturais segundo Strobel (2009) também muito importante para a comunidade surda é a Literatura Surda que abrange criações, tais como: poesia em língua de sinais e livros publicados por autores surdos.

A literatura surda não apresenta relatos de sinalização de histórias em Libras antes do século XX, porque não existia formas de registro tão acessíveis como: gravadores, webcam, dentre outras tecnologias. Quando um surdo fazia alguma poesia ele se juntava a outros surdos e ensinava para que todos tivessem conhecimento da produção, bem como incentivava aos demais a criarem suas histórias ou poesias (Cf. KARNOPP, 2010).

Desta forma, a literatura surda se tornou mais evidente depois que a tecnologia expandiu, a partir no século XX, quando a comunidade surda passou a gravar vídeos de histórias surdas traduzidas, adaptadas e criadas, difundindo as narrativas que durante tantos foram eram possivelmente criadas e perdidas, sem a possibilidade do registro filmado ou escrito (PEIXOTO, 2020).

Atualmente, a literatura surda é registrada com o objetivo de que os futuros surdos tenham acesso a essa cultura e assim, se apropriem dos conhecimentos presentes nas poesias, histórias e piadas que são feitas pela comunidade surda, utilizando a as características culturais e históricas do povo Surdo como elemento principal dessas produções.

4. Metodologia

Para realizar este estudo, foi realizado a pesquisa bibliográfica (Cf. GIL, 2018), com a análise da bibliografia já existente sobre o tema. Inicialmente coletamos as fontes bibliográficas e posteriormente escolhemos uma obra literária adaptada para utilizar com os alunos surdos de duas escolas públicas.

A obra adaptada da Cinderela Surda foi escolhida por apresentar diferentes elementos culturais do povo surdo, o que acreditamos que

influência no interesse do surdo em ter contato com a obra e favorece a compreensão dos ouvintes acerca das diferenças identitárias, linguísticas e culturais entre surdos e ouvintes.

5. Considerações finais

Atender à necessidade linguística do surdo dentro do ambiente escolar, tem sido um desafio para os professores, visto que nosso modelo de sociedade está baseado na maioria, ou seja, naquilo que apresentamos de igual aos demais, por isso, o surdo por ser um indivíduo linguisticamente diferente sofre com a falta de utilização das produções literárias da sua comunidade dentro da sala de aula. Desta forma, aquilo que é produzido pelo sujeito surdo no campo literário não faz parte do seu processo de educacional.

Compreendemos que, é de suma importância que a atual formação dos professores passe por uma reestruturação, para que eles tenham condições de possibilitar o contato desses surdos com suas produções literárias dentro do ambiente escolar e assim alcancem fluência linguística e se apropriem dos elementos culturais da sua comunidade, desde o início de sua formação.

Ao passo em que caminhamos para um contato maior com os nossos pares, independente das diferenças existentes, precisamos conhecer as peculiaridades do outro, inclusive a cultural, para que possamos respeitar e dialogar com as diferenças e, o que poderia promover de maneira efetiva tal socialização é o uso da Literatura Surda dentro das escolas, pois elas apresentam inúmeras questões relevantes para os surdos, que podem e devem ser trabalhadas dentro da escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. *Constituição da República Federal do Brasil*. Brasília-DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394, 20 de dezembro de 1996. Brasília: MEC, 1996

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: MEC, 2005.

BRASIL. Lei nº 14.191 de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_3/_Ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm#art1. Acesso em: 22 fev. 2023.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. *Cadernos de Educação (UFPEL)*, v. 19, p. 155-74, 2010.

GESSER, Audrei. *LIBRAS? que língua é essa?:* Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo. Atlas. 2018.

LACERDA, C. B. F. *Intérprete de libras: Em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. 8. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LIMA, Marisa D. A importância da LIBRAS na escolarização dos surdos. Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia) – Centro Universitário de Patos de Minas, Patos de Minas, 2007.

PEIXOTO, Janaina. Aguiar. *Ensino de Literatura para Surdos*. João Pessoa: IFPB, 2020 (no prelo).

STROBEL, Karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2009.

STUMPF, Mariane Rossi. Mudanças estruturais para uma inclusão ética. In: QUADROS, R. *Estudos Surdos III*. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 14-29